

SAÚDE
Caminho
da vacina
contra ZIKV)) 4



ARTIGO
Lacerda
e tragédia
cívica)) 2



CULTURA
Um olhar
francês na
arte nacional)) 5



Disputas de beleza: elas são força ou objetos?

Apesar de inúmeras mudanças e reformulações desses eventos, dado processo de surgimento, a história foi marcada por objetificação do corpo feminino)) 3



GIULIANO DE MIRANDA

Carlos Lacerda, o tribuno do caos

Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977) foi uma das figuras mais controversas da política brasileira do século XX. Sua trajetória é marcada por uma oratória brilhante, um poder de convencimento notável e uma inclinação pelo extremismo que o levou a ser diretamente responsável pela queda de dois presidentes, sendo um deles levado ao suicídio.

Nascido no Rio de Janeiro, Lacerda teve uma formação intelectual sólida, influenciada por seu pai, Maurício de Lacerda, um político ligado aos comunistas. Inicialmente, Carlos Lacerda também se aproximou do comunismo, mas logo se afastou, adotando uma postura liberal e anticomunista ferrenha. Sua habilidade oratória e sua atuação como jornalista o destacaram como um dos principais opositores do governo de Getúlio Vargas.

Em 5 de agosto de 1954, Lacerda foi alvo de um atentado na Rua Tonelero, em Copacabana, que resultou na morte do major Rubens Vaz e no ferimento de um guarda municipal. As investigações apontaram para a participação de membros da guarda pessoal de Vargas, o que intensificou a crise política. Lacerda exigiu a renúncia do presidente, e, isolado politicamente, Vargas cometeu suicídio em 24 de agosto de 1954.

Em 1955, Lacerda tentou impedir a eleição e a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart, alegando que a eleição seria fruto de fraude. Ele instigou as Forças Armadas a intervir,

mas o então ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott, garantiu a posse dos eleitos. Lacerda então se exilou em Cuba, retornando ao Brasil em 1956 para reassumir seu mandato de deputado federal.

Eleito governador da Guanabara em 1960, Lacerda realizou importantes obras de infraestrutura, como a idealização e início da construção do túnel Rebouças e do Aterro do Flamengo. No entanto, seu governo também foi marcado por ações controversas, como a remoção de favelas e o deslocamento de seus habitantes para áreas periféricas sem infraestrutura adequada.

Inicialmente, Lacerda apoiou o golpe militar de 1964, acreditando que os militares devolveriam o poder aos civis. No entanto, ao perceber que a ditadura se consolidava, ele rompeu com o regime e, em 1966, formou a Frente Ampla ao lado de antigos adversários, como Juscelino Kubitschek e João Goulart, para lutar pela redemocratização do país.

Em 1968, a Frente Ampla foi proibida de funcionar, e Lacerda teve seus direitos políticos cassados pelo regime militar.

Afastado da política, ele retornou ao jornalismo e à escrita. Carlos Lacerda faleceu em 21 de maio de 1977, vítima de um infarto, deixando um legado complexo e controverso na história política brasileira.

Sua oratória e poder de convencimento o tornaram um dos mais influentes opositores de seu tempo. Sua trajetória é marcada por escolhas extremas que contribuíram para momentos decisivos da história do país, como o suicídio de Getúlio Vargas e o golpe de 1964. Aos 48 anos de sua morte, é essencial refletir sobre o impacto de suas ações e a importância de buscar o equilíbrio e o diálogo na política.

Em 1968, a Frente Ampla foi proibida de funcionar, e Lacerda teve seus direitos políticos cassados pelo regime militar. Afastado da política, ele retornou ao jornalismo e à escrita. Carlos Lacerda faleceu em 21 de maio de 1977, vítima de um infarto, deixando um legado complexo e controverso na história política brasileira.

Seu fim solitário, excluído do poder que tanto almejou, cassado por um regime que ajudou a implantar e renegado até por an-

tigos correligionários, simboliza uma espécie de tragédia cívica: a do tribuno que acreditava mais em si mesmo do que na democracia, mais na força de suas certezas do que na necessidade do diálogo. Lacerda representa o tipo de político cuja inteligência brilhante, se não contida por uma consciência democrática, torna-se corrosiva. Ele é a encarnação do paradoxo da República: um liberal que flertou com o autoritarismo, um defensor da moralidade que fez alianças com forças que destruíram a institucionalidade que dizia proteger. Em vida, foi temido e admirado; após sua morte, foi silenciado pela história oficial, como se o desconforto que seu nome provoca fosse mais fácil de apagar do que de entender.

É essencial refletir sobre como sua figura ainda ressoa num Brasil que frequentemente idolatra vozes fortes e despreza o consenso. Sua retórica afiada, seu desprezo pela conciliação e sua crença de que somente ele encarnava os verdadeiros valores nacionais encontram eco, em diferentes roupagens, em líderes contemporâneos que também usam a força

das palavras para dividir, mobilizar pela indignação e insuflar a política como espetáculo. Relembra-lo, portanto, não é apenas revisitar o passado, mas reconhecer padrões que insistem em se repetir. Quando a eloquência serve ao ressentimento e não à escuta; quando a convicção é mais valiosa que a dúvida; quando o homem forte se impõe como solução estamos, mais uma vez, trilhando o caminho que Lacerda pavimentou com sua verve incendiária.

Não se trata de negá-lo ou de absolver suas contradições, mas de compreendê-lo em toda a sua potência e perigo. Seu nome deveria figurar não apenas como marco de uma época, mas como alerta permanente sobre os riscos do extremismo travestido de idealismo. No país onde a memória política é frágil e seletiva, há algo de profético em sua ruína: um prenúncio do fracasso das soluções personalistas, da arrogância travestida de virtude e da palavra usada não para construir pontes, mas para dinamitá-las. Lacerda morreu fora do poder, mas não fora da história. Seu legado inquieta, e deve inquietar.

Seja no impresso ou no digital

Aqui é o lugar para realizar a sua publicação legal, com o melhor preço e atendimento do mercado.



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Semanal

Rua Paschoal Delmaestro, 260
Ed. Vila da Praia, Sl. 5 e 6 - Jardim
Camburi - Vitória/ES - Cep. 29.090-460 - Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Giulia Reis
Mariana Cicilioti
Thauane Lima
Esthefany Mesquita
Andressa Mota
João Otávio Carvalho
Thierry Khalil

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

/eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Beleza: de objetificação ao empoderamento

Com mudanças nas regras, mulheres casadas, mães e com mais de 1,60m ganham espaço

GIULIA REIS

jornalismo@eshoje.com.br

Quem já assistiu "Miss Simpatia", com a atriz Sandra Bullock, com certeza se surpreendeu com o que acontece por traz dos bastidores de um concurso de beleza. No filme, a agente de polícia Grace Hart está disfarçada como concorrente a miss e despreza o processo das candidatas até sentir na pele que um rosto bonito não é o suficiente para conquistar um título.

Assim como a personagem, muitas pessoas ainda acreditam que os concursos de beleza são sinônimo de futilidade voltada à estética. E, por muito tempo, apesar de inúmeras mudanças e reformulações, dado o seu processo de surgimento, eles foram sim exemplos de objetificação do corpo feminino.

Com o surgimento nos Estados Unidos no início da década de 1920, a sua popularidade se espalha para o Brasil nos anos seguintes com a organização de eventos como o "Concurso Internacional de Beleza de 1930". Nos anos 1950, eles ganham ainda mais força no Brasil, com a criação do concurso Miss Brasil e a participação brasileira em eventos internacionais como o Miss Universo.

Conhecido por seu "glamour" o evento passou a ser visto como uma busca contínua por uma "perfeição estética". Na época, eram comuns jovens com pouca roupa desfilarem na frente de um júri, sendo avaliadas por padrões rígidos e aplaudidas por uma grande plateia. Entretanto, o mundo mudou e a sociedade passou a debater temas como diversidade, em-



DIVULGAÇÃO

De Cariacica, Adriely Lessa diz que o título de 'miss' deixou de ser apenas sobre um rosto bonito

poderamento feminino e a objetificação do corpo, desafiando os antigos padrões de beleza.

Hoje, os concursos precisaram se adaptar para não perder sua relevância. Segundo o coordenador do Miss Universo Espírito Santo, Charles Souza, essa transformação é evidente e crescente. Nos últimos anos, o interesse das mulheres pelos concursos de beleza tem voltado a crescer de forma impressionante em todo o Brasil, e o Espírito Santo não é exceção.

Para Charles, esse retorno no aumento reflete uma mudança significativa na percepção de protagonismo feminino. "Em 2023, tivemos a participação de 18 cidades capixabas na etapa fi-

nal, e em 2024 esse número subiu para 24. Para 2025, a previsão é que mais de 40 municípios estejam representados, cada um com sua própria coordenação e processos de seleção".

De acordo com o coordenador, o retorno do interesse não é apenas uma consequência do prestígio do concurso, mas também um reflexo de uma sociedade que busca mais representatividade, inspiração e empoderamento.

"Esse crescimento mostra o quanto o Miss Universo se consolidou como uma oportunidade de transformação para as mulheres. Deixou de ser apenas uma passarela e virou um palco de voz, atitude e identidade,

além de uma excelente vitrine para o crescimento pessoal e profissional", destacou.

Para o coordenador, essa expansão também evidencia uma mudança de mentalidade, tendo em vista que as jovens que se inscrevem estão cada vez mais diversas e representativas. "São mulheres acima de 18 anos que veem no concurso uma oportunidade de crescimento social, de conquistar visibilidade e de realizar sonhos, como representar sua cidade ou seu estado no maior concurso do mundo", contou.

Representando a cidade de Cariacica, a candidata ao Miss Espírito Santo 2025, Adriely Lessa, é

um exemplo de como os concursos de beleza estão passando por uma importante transformação cultural. Formada em mecânica industrial e eletrotécnica, profissões majoritariamente ocupadas pelo público masculino, ela quebra tabus e desafia os velhos paradigmas.

Desde jovem, Adriely sempre sonhou em ser modelo, admirando ícones como Gisele Bündchen e outras modelos de destaque nas passarelas. Contudo, ela admite que, por muito tempo, faltou coragem e a oportunidade de expressar sua verdadeira essência.

"Em outubro do ano passado, fui indicada por amigos a me inscrever para o Miss Universe Cariacica 2025. Nunca tinha participado de concurso antes e não conhecia todo o meu potencial. Mas decidi que era hora de enfrentar meus medos e inseguranças, vencer a mim mesma e conquistar minha voz", contou.

Para ela, esse momento foi uma virada de chave na sua vida, uma oportunidade de mostrar que mulheres podem ocupar os espaços que elas quiserem, seja no setor maquinário de uma indústria ou no mundo da moda e da beleza.

De acordo com Adriely, há muito tempo o termo miss deixou de ser resumido apenas a um rosto bonito e uma boa postura. Hoje, ele é um conceito que vai além da aparência. "Ser miss é carregar um propósito. É transmitir confiança, representar um estado, uma cidade, uma nação, e ser uma inspiração para muitas pessoas. Uma Miss tem que usar sua influência para promover boas ações e causas que beneficiem toda a sociedade", explicou.

Nova mentalidade

TAMBÉM IMERSA no mundo dos concursos, a Miss Espírito Santo 2024 e Top 7 no Miss Brasil, Letícia Galvão, contou que as mudanças de regras serviram para ampliar o perfil das participantes e, consequentemente, impactar na procura. "Hoje, mulheres casadas, mães e com mais de 1,60m podem participar, o que mostra uma mudança de mentalidade e uma valorização da diversidade".

Com o primeiro contato em 2019, Letícia avalia o concurso como um catalisador para a sua evolução pessoal. Segundo ela, ser miss é usar a influência e a comunicação para agregar valor social, além de levar projetos e

causas que fazem a diferença.

De acordo com a Miss Espírito Santo 2024, o concurso não é apenas uma competição de beleza, mas uma plataforma de autoconhecimento e empoderamento. "Muita gente acha que para vencer um concurso de beleza só basta ter beleza física. Mas, na verdade, ser uma Miss é muito mais do que isso. É representar uma cidade, um estado, ou até um país, e usar essa influência para promover causas sociais e inspirar outras pessoas".

Além de carregar o título de Miss ES 2024, a Top 7 do Miss Brasil também é médica veterinária, modelo e streamer de jogos.

Transformação em andamento

Nos últimos anos, o papel do feminismo na redefinição dos padrões de beleza tem ganhado cada vez mais atenção e repercussão. A pesquisadora especializada no corpo feminino nas mídias, Amanda Mila, destaca que o corpo da mulher sempre sofreu muito controle.

"Desde os primórdios da comunicação, revistas, jornais e folhetins escritos por homens ditavam como as mulheres deveriam se portar, vestir, agir e o que consumir", contou.

Segundo Milan, até o século XVIII, o corpo era tratado de forma religiosa, como sagrado, reprimido e ocultado. No século XX, essa visão mudou radicalmente,

transformando o corpo feminino em um objeto capitalista, voltado ao consumo e às representações de moralidade. "Com a libertação física e sexual, veio a conformidade com um padrão estético, que chamamos de 'boa forma'", explicou a pesquisadora.

No universo da moda e dos concursos de beleza, essa lógica também prevaleceu. Os concursos chegaram ao Brasil na década de 1930, embora já existissem no mundo desde 1920. De lá para cá, esses eventos não só refletiram os costumes de cada época, mas também se tornaram protagonistas na imposição de um padrão corporal específico. O feminismo

trouxe uma nova perspectiva.

Com a luta por direitos e a busca por liberdade, as mulheres passaram a questionar esses padrões impostos. Hoje, as redes sociais funcionam como aliadas nessa transformação. "Antes, o que era ditado por homens, hoje é falado e comentado pelas próprias mulheres, que têm mais acesso à informação e a novos padrões corporais", apontou Milan.

Segundo a especialista, movimentos como o body positive e a crescente presença de influenciadoras digitais que pregam a libertação corporal exercem um impacto profundo nesse caminho de transformação de mentes.

Vacinas contra o zika vírus esbarram na 'clínica'

Etapas precisam de mais resultados do que os obtidos na fase pré-clínica, além do financeira

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Duas vacinas brasileiras estão em desenvolvimento em busca de uma imunidade duradoura contra o zika vírus. Ambas estão em fase experimental e enfrentam desafios para chegar aos ensaios clínicos. Ainda não existem tratamentos nem vacinas aprovados contra a doença.

Um dos imunizantes, de DNA, é desenvolvido por pesquisadores da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo) e da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) de Pernambuco. Nos testes preliminares em camundongos, ele se mostrou eficaz, induzindo resposta imune contra o vírus.

Já o Instituto Butantan desenvolve uma vacina contra a Zika para gestantes. O imunizante é composto pelo vírus inativado, plataforma considerada ideal e mais segura para aplicação em grávidas.

Segundo a biomédica Franciane Teixeira, uma das pesquisadoras do grupo da USP, a vacina de DNA usa uma sequência genética que vai codificar um pedacinho do vírus, o que é importante para o organismo produzir imunidade.

"Por meio de biologia molecular, a gente foi retirando regiões que poderiam favorecer o organismo a produzir mais anticorpos. E deu certo. A gente incorporou alguns adjuvantes e conseguiu atingir uma produção eficiente."

Os testes foram feitos em camundongos adultos e demonstraram que a vacina os protegeu. O próximo passo agora é saber se ela protegerá os fetos. "A gente vacina as fêmeas e, depois de um tempo, vamos avaliar o efeito no feto, por exemplo, peso, medidas cranianas para saber se desenvolveu alguma alteração congênita."

Também será avaliada a produção de anticorpos na mãe e se

“ Já tentamos, mostramos esses resultados para algumas empresas, mas não houve interesse ”

Francine Teixeira, biomédica

eles são passados para a prole. Resultados preliminares indicam que, sim, os anticorpos estão passando da mãe para o feto, mas a previsão é que os dados compilados só sejam publicados no próximo ano.

A fase clínica, porém, tem desafios porque envolve não só os resultados obtidos na fase pré-clínica, mas também de interesse financeiro no produto.

"Nós já tentamos, mostramos esses resultados para algumas empresas, mas não houve interesse. A Zika é uma doença negligenciada, é diferente do que a gente viu na Covid, que atingiu países do Primeiro Mundo, e o interesse [em uma vacina] foi global", diz Teixeira.

Mesmo que a vacina não evolua para a fase clínica, afirma a pesquisadora, todo aprendizado e abordagens testadas ficarão à disposição da ciência. "No caso de uma futura epidemia, em que o interesse aumente, a gente já tem metade do caminho percorrido."

Segundo ela, outro desafio é que, na fase clínica, seria necessário aplicar a vacina em centenas de pessoas e depois observar o efeito protetor do imunizante. "Mas se a gente não vive um momento de epidemia, com milhares de infecções acontecendo, fica até difícil de a gente validar".

Pico foi no ano de 2016

EMBORA INFECÇÕES pelo zika continuem acontecendo e novos casos suspeitos de microcefalia são investigados, não é mais um período de emergência de saúde pública como ocorreu há dez anos.

Dados do Ministério da Saúde apontam, por exemplo, que o pico das infecções de gestantes ocorreu em 2016, com 15.615 casos suspeitos e 9.062 casos confirmados. Em 2024, foram 518 e 62, respectivamente.

A vacina desenvolvida pelo Instituto Butantan também está em testes em modelos animais e já mostrou que é capaz de gerar anticorpos neutralizantes contra o vírus da zika.

Segundo Renato Mancini Astray, diretor do Laboratório Multipropósito do Butantan e um dos responsáveis pelo projeto da vacina, os estudos comprovaram que a formulação desenvolvida é capaz de manter uma longa vida sob refrigeração.

"A rede de frio para o Programa



O imunizante é composto pelo vírus inativado, plataforma considerada ideal e mais segura para grávidas



Mais de 15 mil bebês nascidos no ano de 2026

Nacional de Imunização é mais apta a comportar vacinas que são refrigeradas, ou seja, que ficam de 2 a 8 graus [centígrados]. Então, com

base nisso, a gente desenvolveu a formulação pensando numa vacina que fosse estável."

O próximo passo, conta, será o desenvolvimento de estudos de toxicidade da vacina. "A expectativa é que dê bastante certo porque se trata de um vírus inativado, super purificado, dentro de uma formulação que se usa normalmente em outras vacinas, e com adjuvante universal, que é o hidróxido de alumínio".

A expectativa, segundo Astray, é que os ensaios clínicos comecem no próximo ano, mas ele já prevê dificuldades pela frente. "Algumas outras empresas farmacêuticas já desenvolveram até a fase 2 [de estudo clínico] de uma vacina [contra o vírus da Zika]. E isso não é a toa. A fase 3 é um desafio grande."

O primeiro entrave é o fato de o vírus não estar circular da mesma forma intensa de que circula o da dengue. "A gente só vai conseguir fazer o ensaio final de eficácia durante algum surto epidêmico. De

qualquer forma, é importante deixar tudo pronto caso isso ocorra", corroborando o que disse Franciane Teixeira, da USP.

Em segundo lugar, segundo o pesquisador, trata-se de uma doença que tem sintomas muito brandos. "As vacinas são analisadas principalmente com base em resultados de eficácia. E eficácia é medida se a pessoa fica doente ou não fica doente".

No caso das grávidas, que é o principal público a que o imunizante se destina, o desafio é ainda maior. "Você teria que fazer uma imunização muito grande para fazer um bloqueio ao redor das mulheres grávidas".

De acordo com o pesquisador, como não há interesse das multinacionais farmacêuticas na vacina, é muito importante que instituições públicas sigam em frente com o desenvolvimento desses imunizantes. "Não pelo lucro que a gente vai obter, mas pelo bem social mesmo".

DIVULGAÇÃO

Marc Pottier: um olhar francês para nossa arte

Trabalho do artista se destaca pela valorização, sobretudo, da diversidade no território nacional

Desde 1992 o francês Marc Pottier vive entre o Brasil e a França. É autor de livros sobre arte e cultura brasileiras. Em 2015, acreditando que o mundo digital se tornou um importante meio de promoção de talentos, ele se envolveu com programas culturais de televisão e plataformas digitais e foi assim que surgiu 'O olhar estrangeiro' com Arte1 - a segunda temporada está prevista para setembro desse ano.

Marc é um curador e consultor de arte com ampla atuação internacional, reconhecido por sua abordagem inovadora na curadoria de arte pública e por sua capacidade de construir pontes entre diferentes culturas e territórios.

A convite de uma galeria ele esteve no Espírito Santo e foi apresentado pelos artistas Maria Tereza e Thiago Sobreiro com uma obra que conheceu no Parque Cultural Casa do Governador. A peça foi levada para seu projeto Usina de Arte, onde reúne grandes obras de todo Brasil. Mas, esta não foi a única experiência artística com capixabas. Nesta entrevista a **ES Hoje**, Marc Pottier contou um pouco sobre isso.

O trabalho de Marc Pottier se destaca pela valorização da diversidade e pelo compromisso em romper hierarquias entre centro e periferia, museu e rua, artista consagrado e criador popular.



DIVULGAÇÃO

“Trabalhar no espaço público é uma maneira de diálogo direto com a população sobre a arte”

Marc Pottier, consultor de arte



JULIO STOTZ

Para Pottier, a curadoria não é apenas um exercício estético, mas uma prática ética e política

Em entrevistas, ele tem afirmado que o futuro da arte está nas margens, nos lugares onde a criação é mais visceral e menos condicionada por modismos de mercado. Embora ainda não tenha realizado projetos no Espírito Santo, sua atuação descentralizadora e seu interesse por novas geografias culturais tornam plausível um diálogo fértil com o estado, que tem buscado ampliar sua visibilidade no circuito da arte contemporânea.

Para Pottier, a curadoria não é apenas um exercício estético, mas uma prática ética e política: uma forma de conectar pessoas, territórios e narrativas por meio da arte.

ES Hoje: Você tem uma trajetória marcada por experiências multiculturais. Como elas influenciam sua curadoria hoje?

Marc Pottier: Como existe uma grande diversidade na criatividade de artistas no mundo inteiro, assim como num país como o Brasil (que de fato é um lugar de vários países e culturas), é importante, para se concentrar sobre o único das obras, esquecer as “sereias” do mercado viciado

com modas efêmeras. Essa riqueza dá uma liberdade curatorial sensacional e autoriza qualquer ‘composição’ artística nos projetos de exposições. Veja como o mercado é hoje desmascarado? Os artistas dos principais museus de NY pertencem às três principais galerias comerciais da cidade... Minha curadoria foge disso para dar espaço à diversidade.

Como vê a relação entre arte e espaço urbano atualmente?

Sempre fui um ‘especialista’ (não gosto dessa expressão, afinal hoje o mundo das artes é tão grande que, acho, ninguém pode imaginar ser um especialista). Convidar artistas ao espaço público é uma das melhores maneiras de estar em frente a ele, mostrar que a arte pode namorar qualquer espaço e sair do museu. Quebrar a timidez de uma população que acha muitas vezes que arte é um campo reservado para elites. Trabalhar no espaço público é uma maneira de diálogo direto com a população, entender como as pessoas vivem, se movem em seus bairros, oportunidades de pensar arte com e para as pessoas que

irão viver com a obra de arte que ficará na sua paisagem. Para mim, como curador, são os projetos mais estimulantes porque você pode participar na construção da ideia e da obra final.

Sua atuação envolve tanto grandes instituições quanto ações mais periféricas. Como equilibra esses dois mundos?

A grande vantagem de ser curador independente é de não pertencer a nenhum lugar e, então, talvez de poder trabalhar com vários, tantos os museus, tanto iniciativas privadas, tanto programa de televisão, escrever artigos para revistas. Não é fácil chegar onde estou hoje e demorou anos, atravessando o deserto. Tem um preço a pagar para essa liberdade e várias vezes encontro inveja de colegas ‘presos’ num lugar definido. Não tem ‘equilíbrio’, mas ‘navegação’ em função das oportunidades, sabendo que cheguei hoje num nível onde muitos me procuram, imagino porque tenho essa visão vertical e horizontal do mundo das artes.

Você já teve algum tipo de

contato o Espírito Santo, seja por projetos artísticos, parcerias ou visitas?

Uma visita maravilhosa em Vitória, convidado pela galeria Matias Brotas (para um projeto de colocar arte num jardim em um shopping - que acabou não ocorrendo). Graças a esse convite descobri o projeto do Parque Cultural Casa do Governador e me apaixonei por ele. Descobri artistas que convidei depois para meus projetos, como Maria Tereza e Thiago Sobreiro. Eles fizeram uma doação da sua escultura para a Usina de Arte em Recife - a primeira-dama, Virgínia Casagrande, nos visitou acompanhada do Fabricio Noronha e o Nicolas Soares. Convidei o Alexandre Vogler para o projeto ‘MON sem Parede’ no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, e Narcélio Grud para um dos meus projetos imobiliários em SP (Allard Oscar Freire).

Considerando seu olhar internacional, como você enxerga o potencial artístico-cultural do Espírito Santo no cenário brasileiro?

Como mencionei, sou fascinado com a riqueza da criatividade no Brasil em qualquer lugar. No ES, tenho que voltar. Gosto muito do trabalho do Hilal Sami Hilal (que convido agora para um projeto em SP), visitei o ateliê do José Carlos Vilar. Somos muito felizes na Usina de arte com a obra da Maria Tereza e Thiago Sobreiro e, anos atrás, muito interessado no trabalho do Nicolas Soares, artista (curador e diretor do MAES) com quem gostaria de trabalhar.

Acredita que o Brasil valoriza suficientemente seus artistas e curadores locais? Como isso se manifesta nas regiões menos centrais, como o ES?

De verdade, estamos saindo de anos terríveis onde o Ministério da Cultura foi morto. Pouco a pouco o país volta a homenagear os seus artistas. Graças a Deus tem muitas iniciativas privadas e editais generosos, como do Parque Cultural Casa do Governador, que apoia artistas de maneira inteligente. Mas, vamos dizer, infelizmente, as e os artistas são habituados a ser maltratados e criam sempre maneiras de sobreviver. Acho que, além do fato que as autoridades em geral não defendem suficientemente seus artistas, têm sempre iniciativas, galerias comerciais, instituições internacionais para chegar com ‘máscara de oxigênio e muletas’.